5ª Jornada de Estudos da Linguagem
Linguagem, texto e imagem: novos rumos, novas conquistas

Palestra de Abertura – 02/09/2019

"Corpo infectado/corpus infectado: AIDS, narrativa e metáforas oportunistas"

Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM)

A constante presença do corpo nas narrativas de aids (e a consequente problematização do seu status ontológico) é apenas uma recorrência temática, ou estaria ligada a processos metafóricos e alegóricos que apontam para uma discussão para além da corporeidade humana? Mais do que isso, constante em todas as narrativas de aids é a urdidura que confronta, simultaneamente, uma micropolítica do desejo, relacionada ao exercício ascético com a construção do si mesmo através da dicção literária (não raro extrapolando os limites entre ficção e biografia), e uma preocupação com os compromissos do discurso literário com a vida política e social. Uma das grandes consequências do advento da pandemia de HIV/aids sobre a comunidade gay, em escala transnacional, ao longo das últimas décadas do século XX, foi a geração de uma curiosa cultura caracterizada pela absoluta necessidade de uma honestidade cruel. Nos primeiros tempos da avassaladora crise de aids no mundo, quando ainda não se conhecia exatamente quais eram suas causas e seus meios de transmissão, e ainda se falava de “grupos de risco” ao invés de “práticas de risco”, a equação aids = morte configurava-se como inevitável. Olhava-se com suspeita para todos os sujeitos classificáveis como pertencentes aos “grupos de risco”: homossexuais (especialmente os homens homossexuais), hemofílicos, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo (independentemente de suas identidades de gênero). Tanto na mídia impressa quanto na mídia televisiva, houve a profusão de uma necessidade de se colocar a aids nas pautas de discussão pública, o que foi caracterizado por Marcelo Secron Bessa como uma epidemia discursiva (BESSA, 1997). Colocar a aids na ordem do discurso foi, em certa medida, uma das estratégias para se atribuir sentido ao nonsense, ao desespero e ao pânico oriundos dos primeiros tempos da pandemia (e, no caso dos Estados Unidos, mais especificamente, do completo descaso do poder público frente a essa crise de saúde pública ao longo da década de 1980, particularmente no período do governo de Ronald Reagan). Como as artes visuais e a literatura vêm respondendo à demanda de sentido gerada pela pandemia?